



DIÁRIO SELVAGEM DE CARLINHOS OLIVEIRA: INCIDENTES DA ESCRITA

Edivonha Leite dos Santos

(PPGCC/UNEB – Doutoranda)

Marcelise Lima de Assis

(PPGCC/UNEB – Doutoranda)

INFORMAÇÕES SOBRE AS AUTORAS	
Edivonha Leite dos Santos – Doutoranda em Crítica Cultural (PPGCC/UNEB). E-mail: edivonhaleite@hotmail.com .	
Marcelise Lima de Assis – Doutoranda em Crítica Cultural (PPGCC/UNEB). E-mail: lissletras@gmail.com .	

RESUMO	ABSTRACT
As produções literárias são eficientes ferramentas para ficcionalizações, bem como para a construção de registros históricos de um povo e sua época. Desse modo, neste artigo objetivou-se a consideração acerca da relação que o sujeito, mediante o corpo adoecido, estabelece com a “escrita de si”, especificamente José Carlos Oliveira, a partir do livro “Diário selvagem: o Brasil na mira de um escritor atrevido e inconformista”, da década 1970. Por intermédio da relação que Carlinhos Oliveira estabelece entre a potencialidade da escrita e a construção do <i>corpus</i> literário, analisa-se como isso se reflete na própria construção do sujeito enquanto escritor. Para isso, a leitura do diário foi definitiva para a possibilitação do trabalho, junto com o estudo do referencial teórico sobre “A escrita de si”, de Michel Foucault, e “Inéditos, vol. I: teoria”, de Roland Barthes. Assim, buscou-se entender como a manifestação do corpo doente evidencia a construção ficcional do autor por meio do diário produzido por ele, o que se define através da verificação nos escritos da constituição do sujeito que a escreve.	Literary productions are efficient tools for fictionalizations, as well as for the construction of historical records of a people and their time. Thus, this article aimed to consider the relationship that the subject, through the diseased body, establishes with the “self writing”, specifically José Carlos Oliveira from the book “Wild Diary: Brazil in the sights of a daring and nonconformist writer” from the 1970s. In this way, through the relationship that Carlinhos Oliveira establishes between the potentiality of writing and the construction of the literary corpus, we analyze how this is reflected in the very construction of the subject as a writer. For this, the reading of the diary was definitive to make this work possible, together with the study of the theoretical referential from “The writing of the self” by Michel Foucault and “Unpublished, vol. I: theory” by Roland Barthes. Thus, it was sought to understand how the manifestation of the sick body evidences the fictional construction of the author through his produced diary, which is defined through the verification in the writings of the constitution of the subject who writes it.

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Escrita de si; Adoecimento; Corpo.	Self writing; Illness; Body.

INTRODUÇÃO

Busca-se apresentar, neste artigo, o sujeito enquanto uma instância de constituição contingente, sob a circunstância da finitude corporal, através do diagnóstico da pancreatite crônica e da urgência de se colocar em prática o projeto de escrita da grande obra de José Carlos Oliveira. Nesse sentido, a discussão em questão trata da história do sujeito na década de 1970, especialmente da trajetória de Carlinhos Oliveira, aquele que toma para si a ação da escrita e do escrever-se na cena social de maneira peremptória e histórica.

José Carlos Oliveira foi um cronista e romancista capixaba, radicado no Rio de Janeiro a partir da década de 1950, fato que o caracterizará mediante a publicação de livros e crônicas em jornais e revistas até 1984, ano da sua morte. Durante sua vida, publicou oito livros, sendo estes, quatro romances e quatro coletâneas de crônicas. A publicação dos romances se deu a partir de “O pavão desiludido” (1972) e continuou com “Terror e êxtase” (1978), “Um novo animal na floresta” (1981) e “Domingo” (1984). A coletânea de crônicas, por sua vez, é composta por “Os olhos dourados do ódio” (1962), “A revolução das bonecas” (1967), “O saltimbanco azul” (1979) e “Bravos companheiros” (1986). Houve também a publicação de uma obra postumamente, “O diário da patetocracia” (1995), organizada por Bernardo de Mendonça.

Assim, este texto retoma parte da dissertação de mestrado que tem como título “Crônicas e Diários de Carlinhos Oliveira: *A Flor Ferida* da Escrita de Si”, de Edivonha Leite dos Santos, defendida em setembro de 2019, no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural – UNEB – *Campus II*. A pesquisa, nesse ponto, é localizada na década de 70 e é cunhada na narrativa de cunho pessoal em *Diário selvagem*, suporte utilizado como explicitador tanto do surgimento e do agravamento dos sintomas da doença no corpo do sujeito quanto das tomadas de prumo para a colocação em prática do projeto de tornar-se o grande escritor, ou seja, escrever a grande obra que legaria a este a alcunha desejada.

Desse modo, compreende-se que a escritura de Carlinhos Oliveira é usada como instrumento de intervenção. É por meio da produção literária que ele se aproxima não só da sua doença e da dor que a acompanha, mas, acima de tudo, do que ele fez na escrita através disso, a criação do sentido da vida mediante a prática do escrever. A transformação dos ruídos vividos pelo escritor é regurgitada nos livros, local em que as narrativas sobre os dias se tornam personas do seu ego paulatinamente destituído de vida e temperado de clamor.

Paralelo a esse processo, faz-se necessário refletir sobre em que período da história brasileira se deram os encaminhamentos feitos pela escrita de Carlinhos Oliveira. No caso em questão, o transcurso histórico foi o Golpe Militar de 1964. Quanto a isso, Rosalen

(2015, p. 1) afirma que “A ditadura civil-militar (1964-1985) fez com que muitas pessoas buscassem o exílio como forma de preservar a vida, para escapar da repressão ou perseguição, banidas, por autoexílio, para acompanhar familiares, entre outros motivos”. Contudo, esse não é o caso de Carlinhos Oliveira, não *ipsis litteris*, pois ele não se encaixa nos perfis de um dos slogans dos anos de chumbo: “Brasil, ame-o ou deixe-o”, mas, sim, de autoexílio feito mediante circunstâncias oriundas da sua necessidade de tratamento médico decorrente de uma pancreatite crônica, doença que lhe acometeu em um processo de emagrecimento corpóreo. Dessa maneira, buscamos analisar as relações do sujeito com a escrita no *Diário selvagem*, um livro de anotações pessoais.

É pertinente afirmar que José Carlos Oliveira é apresentado sob um viés intimista. A escrita do *Diário selvagem*, produção literária utilizada para este trabalho como base e sustentáculo, apresenta-se de modo a revelar, em meio ao escrutínio de algumas das passagens escolhidas, como a escrita tornou-se, para Carlinhos Oliveira, o artifício pelo qual decide viver. É na escrita e pela escrita que a figura viva do cronista se movimenta e alarga os dias, entre o doer e a finitude que sinalizam o túnel existencial.

1 DIÁRIO SELVAGEM: INCIDENTES DA ESCRITA

A escrita é o lugar, o espaço e a cena para a criação da *persona non grata*, muitas vezes, de Carlinhos Oliveira. Nota-se que é pela escrita que o sujeito acontece. O corpo e a dor são dimensões que se materializam na escrita e tornam o sujeito a instância não só que cria, mas também a criatura oriunda dela. A reflexão aqui se desdobra nos limiares da reflexão foucaultiana (FOUCAULT, 1992), aquela dada mediante o aparelho da escrita, que é apresentado em *A escrita de si*, como um dos elementos geradores da edificação desse ser, daquele que toma para si a perspectiva do escrever-se, que se põe no direito de elaborar-se segundo as categorias do ler, do refletir/meditar, do escrever e, conseqüentemente, do escrever-se. É isso que enseja o exercício do pensamento no que tange à circunscrição do ir escrutinando a narrativa pessoal de Carlinhos Oliveira, como uma espécie de formação do olhar sobre ele, desde suas andanças mundo a fora, como também no modo em que isso se dá no texto e em como a abordagem dos temas é variada, além de também ser de um jeito como quem passeia entre o íntimo e a constatação do que ocorre na vida social brasileira na década de 1970:

17 de novembro, quarta-feira – Andei hoje em Bauru, comprando pastas para guardar papéis e cartões-postais, mas me senti desconfortável na condição de forasteiro e me sentei num banco de praça para ler o Estadão. Nenhuma notícia sobre a competição de que Lígia participa na Venezuela. Fui observado discretamente pelos homens e intensamente pelas moças. Quero voltar acompanhado de alguém jovem (ou então da minha idade). Vi a casa em que foi

assassinada a pequena Mara Lúcia e me parece inconcebível que nenhum vizinho tivesse suspeitado de nada. A psicologia deste povo merece estudo. Estou com dor de barriga, mas evacuação normal: bom aspecto. Nervos e mente tinindo. Dona Cassia foi buscar meus recortes em Lençóis e agora vou ler a história de Mara Lúcia, tal como registrada nos jornais: cronologia e estupor entrelaçados (OLIVEIRA, 2005, p. 15).

Nesse trecho do diário, que data do ano de 1971, percebe-se o jeito *outsider* de Carlinhos Oliveira ao percorrer a cidade, a praça, na companhia do seu olhar atento, que olha e é olhado. Esse que observa a cidade e seus transeuntes, escrutina os modos, passeia pelos acontecimentos da época, aparecendo no jornal, ou não, como é o caso de Lígia. Além disso, ele expõe seu estar no mundo a partir do momento que diz sobre seu corpo, suas fezes, preâmbulo do que virá sobre o adoecimento das suas carnes. A escrita do diário, a partir do ano em questão, acaba por narrar a trajetória da doença e seus desdobramentos na vida do escritor. Desse modo, ao acompanhar esse deslocamento, pode-se analisar, de forma panorâmica, a constituição do sujeito que se impõe pela escrita. Nesse trânsito, cabe relacionar a narrativa de Carlinhos Oliveira com o que Friedrich Nietzsche (2017) expõe em *Ecce Homo* “de como a gente se torna o que a gente é”, através do qual se exhibe, na averiguação e posterior adequação do comportamento, o tão propalado sujeito da escrita.

A enfermidade foi me livrando aos poucos de tudo – ela me poupou qualquer rompimento, qualquer passo violento e ofensivo. Eu não perdi nenhuma simpatia na época, e ainda acabei acrescentando muito àquilo que já tinha. Ao mesmo tempo, a enfermidade me dava o direito a uma volta completa em direção a todos os meus hábitos; ela permitiu, ela ordenou que eu esquecesse; ela me presenteou com a urgência de deitar quieto, de caminhar ocioso, de esperar e de ser paciente... Mas isso significa pensar! [...] esse retorno a mim significou – uma espécie mais elevada do restabelecimento em si!... (NIETZSCHE, 2017, p. 100-101).

Sobre o modo como um e outro enxergam a doença e as consequências desta em suas carnes e estilos de vida, tem-se a noção fortuita de uma elevação de raciocínio que os coloca em instâncias de superioridade de si. Nietzsche (2017), traz a público, em *Ecce Homo*, o relato e o proceder acerca das suas ações diante do aprofundamento das suas moléstias, na medida em que pensa sobre seu estado e converge em atos que lhe possam garantir dias de vida com menos dor e com a ampliação da sua produção filosófica. Já Carlinhos Oliveira, por sua vez, debate-se, num primeiro momento, ora por não saber qual doença acomete o seu corpo, ora por necessitar de diagnóstico para a administração adequada do que lhe garantiria uma qualidade de vida – que lhe possibilitasse escrever, produzir literatura, desenvolver seus projetos e, assim, crescer intelectualmente.

Porém, *a posteriori*, o que se verifica é uma adequação feita lentamente do estar no

mundo e de como tal fato significa o cuidado com o corpo, a preocupação por bons ares, a ingestão regrada de alimentos em horas definidas, a administração ritual dos medicamentos e, por fim, a decisão categórica de como usar os dias que se terá, após o diagnóstico de pancreatite crônica em 1979, para a finalidade de pôr em prática o seu plano antigo de escrever uma grande literatura. No entanto, seu debater anterior relacionava-se ao fato de ter pouco ânimo ou sentir preguiça, até mesmo para realizar suas efusões literárias. Muitas vezes, Carlinhos Oliveira narra tranquilamente e de modo repetido, ao longo do diário, sua insistência para compor o ânimo de outros afazeres que não ver TV, ler jornal, beber e curtir noitadas.

24 de novembro – Conversa com dr. Olegário Ramos, médico anestesista e nas horas vagas caçador de paca. Inteligente e informado. Bebi cachaça com limão e me embebedei; estou um porre barato. Acordo às 6h, café às 7h20. Agora devem ser 8 horas. Dona Cassinha me “admira” por minha força de vontade, por me ver mergulhado no trabalho neste lugar perfeito para umas férias. Engana-se. Força de vontade venho eu demonstrando em todos estes anos de dissipação, em que luto contra o meu ser atraído pelo trabalho, pela meditação e pela austeridade. Aqueles que por amor à literatura se privam de viver é que não têm vontade alguma (OLIVEIRA, 2005, p. 18).

Entra aqui a questão da dedicação e do afinco ao trabalho, ou seja, a iniciativa de sentar-se à mesa todos os dias no mesmo horário e tomar a máquina para preencher as folhas em branco com as várias ideias que ambientam a mente do escritor. Nessa página de diário de “24 de novembro”, há a explícita abordagem do que se propõe Carlinhos Oliveira ao logo do seu caminhar: investir com afinco e seriedade no ofício da escrita, que carece, daqueles que se põem ao seu feito, de um direcionamento firme. Ele acrescenta, ao final da página de diário supracitada, que é preciso viver, além de imiscuir nos ofícios da literatura, pois, se assim não o for, apresenta-se, por fim, o claro movimento da falta de vontade. Ele também impõe-se à fala de que é preciso

Prestar atenção nas palavras de Isaac Singer. Não vou pegar meus enredos passeando na praia ou debruçando à janela. Isso tem que ser feito no papel. Há numerosos argumentos à minha disposição. Basta escolher um deles, o mais próximo do meu “eu” no momento e me entregar fervoroso ao combate. Escrever diariamente aos menos uma página de ficção, ao menos uma frase. Não vejo alternativa e sei que não há (OLIVEIRA, 2005, p. 126-127).

Por mais paradoxal que sejam as colocações de Carlinhos Oliveira, é disto também que é feita a matéria da sua construção: da exposição, às vezes controversa, de seus desejos, comportamentos e pensamentos a respeito de como adequar e escrever a narrativa dos seus dias. Em trecho do diário, no dia “14 de outubro – meio-dia”, de 1978, o escritor se põe a normatizar – de acordo com o que ele lê em Isaac Singer sobre o

cuidado que se deve ter ante o desejo da criação literária – a respeito do caráter devido para se enquadrar perante as suas aspirações com a literatura. Então, assim sendo, mesmo estando em recantos que lhe possibilitassem o aproveitamento pleno de um cenário próspero para férias, ele o toma como oportunidade fortuita para o trabalho, um discernimento que condiz com a moção de se colocar na ordem do escrever e do escrever-se. Logo, tornar-se escritor não se faz dentro do limiar apenas do desejo, e isso está claro nas marcas deixadas pelos textos do *Diário selvagem*, quando se apanha de ênfases variadas no que diz respeito ao direcionamento e ao foco no ofício a que se propôs Carlinhos.

Ele, ao narrar suas memórias em *Diário selvagem*, investe na invenção do próprio si e, por consequência, da vida que expôs viver. Aqui, nesse preâmbulo, o corpo do escritor vai sendo descrito através de uma série sucessiva de dias, nos quais os acontecimentos externos e internos, como primazia, geram no sujeito a noção clara do que se vive e o preâmbulo do que virá. Para isso, investe-se na elaboração de rotina, de leitura e de anotação em rascunhos de ideias para seus escritos ficcionais e, também, para o registro, em diário, de andanças, cidades, hotéis, trabalho, tomadas de decisões, bebedeiras, atentamentos para a saúde que se fragiliza paulatinamente, bem como dos rumos que se anseia tomar perante tais circunstâncias.

2 DIÁRIO ÍNTIMO: A ESCRITA COMO FUNDAMENTO

Escrever sobre a importância da escrita como alicerce para a construção do sujeito se afeiçoa ao gesto que diz, através da linguagem, que, para fazer história e fazer parte dela, é preciso mais do que o simples gesto do registro, como aborda Roland Barthes em “Variações sobre a escrita”, do livro *Inéditos: vol. 1 – teoria*.

O primeiro objeto que deparei em meu trabalho passado foi a escrita; mas não entendia então essa palavra em sentido metafórico: para mim, era uma variedade do estilo literário, sua versão de algum modo coletiva, o conjunto de traços da linguagem por meio dos quais um escritor assume a responsabilidade histórica de sua forma e vincula, com seu trabalho verbal, acerta ideologia da linguagem. Hoje, vinte anos depois, por uma espécie de retorno em direção ao corpo, gostaria de me voltar para o sentido manual da palavra: é a “escrção” (ato muscular de escrever, de traçar letras) que me interessa, gesto pelo qual a mão segura um instrumento (punção, cálamo, pena), apóia-o numa superfície, por ela avança pesando ou acariciando, e traça formas regulares, recorrentes, ritmadas (não é preciso dizer mais nada [...]) (BARTHES, 2004a, p. 174-175).

Barthes (2004a, p. 175) propõe: “O que se dirá dessa escrita?”. Para falar sobre ela, é necessário, antes, o retorno ao modo como ela se dá para o teórico, já que ela se

movimentada via o traçado manual, ou porque não dizer manuscrito. Entretanto, tomando a questão supracitada como fundo para a análise de como Carlinhos Oliveira se locomove a partir do seu instinto de produção de sentido, além do mero gesto maquínico, é fato que a maneira como o escritor capixaba se depara e se difunde na escrita é produto do seu tempo, mas também de suas referências, de modo que as escritas começaram antes, pela leitura, e, no depois, tornaram-se reflexo das suas imersões pelas leituras existencialistas, desde *A Náusea* sartriana até os devaneios proustianos.

A prática literária se arregimenta dos inscritos feitos a respeito do tempo – este que é sutilmente, ou não, expelido por páginas e páginas, escritas e reescritas, que falam de si, do seu vagar, da sua produção obstinada pelo texto. Certamente, seria plausível afirmar que – nos seus registros e anotações feitos em suportes variados, cadernos, agendas, folhas avulsas, das quais tanto fala em vários trechos do seu diário como carecendo de uma secretária para organização, arrumação, catalogação de uma linha do tempo – ele se elaborava junto com suas crônicas, com seus diários e romances. Essa relação deixa escapar o fato de que sua inscrição beira sempre ao que ocorre na vida política, no círculo de intelectuais que frequenta, nas visões que expõe acerca da burguesia, seus melindres e afins. Nisso, seu corpo também aparece, retorna, surge e se impõe como tecido do qual também é feito.

Estou escrevendo algumas crônicas pastiches de O. Henry. Cada frase deve conter uma imagem completa. Situação confusa no aparelho digestivo. Dores que vêm e vêm, náusea constante, vômitos. Taquicardia. Andei tomando vinho, mas o vinho brasileiro fermenta e está me fazendo mal. Tentarei cerveja antes de voltar “socialmente” ao uísque. A dor voltou de madrugada, praticamente não dormi. Mesmo depois de tomar a pílula receitada pelo médico. Ei-la que reaparece às 10 da manhã. Agora me sinto relativamente bem. São 11h45. A dor recomeçou. Parece obedecer a horário rígido (OLIVEIRA, 2005, p. 20).

O dito em “2 de setembro, segunda-feira” traz para a cena do texto a situação vivida por Carlinhos Oliveira no viés corporal; a escrita se dá em meio aos processos corporais de adoecimento, do deparar-se com os incômodos provocados pelas dores, pelo mal-estar que elas causam. Trata-se de falar sobre o que se criou através da escrita e, no período subsequente, tanger ao posicionamento a respeito do que lhe incomoda, as dores, que não cessam de se mostrar no seu quase balé marítimo de vai e vem. A realidade exposta pelo escritor o coloca na condição de saber e compartilhar, o que o faz, naqueles instantes do segundo dia de setembro, além de escrever sobre a escrita, escrever sobre as palpitações que lhe aceleram o peito, e até sobre a ingestão de medicamento para o que se sente em suas carnes e de como estas se aparentam numa espécie de rotina, de horário marcado e que condiz com o cumprimento do seu reaparecer. Isso a ponto de explicitar,

em trecho do diário de “16 de dezembro” do mesmo ano, o seguinte: “Estou terrivelmente nervoso. Bebi meio cálice de Strega. Vou dormir com Lorax. Merda” (OLIVEIRA, 2005, p. 23). Assim, ao expressar seu mal-estar, físico e emocional, ele se manifesta de acordo com o prenúncio, afinal, algo não vai bem naquele corpo e sua expressão diante de tais acontecimentos vai se tornando cada vez mais aborrecida e ranheta. Então, já que seus dias se tornam definidos pelo seu dolorimento corporal, mesmo que o escritor teime em não sucumbir ao doer corpóreo e invista em um cálice ou outro de álcool, o mal-estar é operante.

Na sequência, em produção datada de 3 de maio de 1975, a primeira do ano, Carlinhos Oliveira cita a escrita como boa forma de aventura e bem-estar, o oposto do que fora narrado na citação anterior.

Sai uma ficção policial longa, descosida mas extremamente bem dialogada. Dediquei o primeiro episódio a Maria Duhá¹ abrindo logo o coração tão longamente fechado ao amor que diz seu nome. Diz a Cota que essa literatura deveria ser publicada em lugar mais nobre – as revistas de Ficção, Status -, mas estou condenado a escrever contos no JB, do contrário serei forçado a me sujeitar à crônica. Não aguento mais crônica. E nem sei se o JB aguenta a sucessão de horrores, a perfeita amoralidade dos meus heróis. Adolpho Bloch concordou em me dar o encalhe do Pavão e é bem capaz de mandar a Paris. Depois de longo e tenebroso porre estou de volta à lucidez cíclica, na qual os textos saem mais longos e criativos (OLIVEIRA, 2005, p. 24).

No ponto citado, a escrita sai lívida, reta e fácil e lhe advém do bom estado de corpo. Tal fato pode ser verificado porque, nesse trecho do diário, não há nenhuma citação que se refira ao adoecimento, ou seja, é possível que esteja tudo bem, com dias seguidos do meticuloso cuidado com os processos dedicados à escrita. É tangível verificar, na construção dos períodos, a explicitação de palavras que encadeadamente se expõem, sem nenhum pudor, numa espécie de liberdade que ele caracteriza como “lucidez cíclica”, demonstrando, através da escrita, que seus textos são fluídos, amplos e com um certo grau de nobreza, já que, segundo sua amiga Cota, a narrativa deveria ser publicada em suportes específicos para a boa ficção. Ainda é possível acompanhar seu esforço para lutar contra o que lhe havia sido oportuno: a visibilidade via escrita de crônicas. Carlinhos Oliveira rechaça a alcunha que lhe foi imputada, referindo-se à coluna do Jornal do Brasil como de natureza quase que insuportável, e se refere ao fato como horroroso.

¹ Informação citada na nota 15 de *Diário selvagem*: Ex-companheira e amiga constante, conhecida como Cota. A narrativa era “A perda de Vlada”, publicada em três capítulos na coluna do JB.

Além disso, a poeira das experiências e fatos que permeiam a aura do sujeito em questão é narrada por Barthes (2004b, p. 9) considerando a percepção como um senhor que, na sua altiva condição de observador e pensador, exhibe no seu diário suas noções: “[...] tomei das ‘grandes realidades’ a sensação que elas me proporcionavam: odores, fadigas, sons de vozes, andanças, luzes, tudo aquilo que, de algum modo, é irresponsável pelo real e não tem outro sentido senão o de formar mais tarde a lembrança do tempo perdido [...]”. Ao relacionar essas noções ao posicionamento de Carlinhos Oliveira em *Diário selvagem*, pode-se comungar com a expressão de Barthes na medida em que, para Carlinhos, o Rio de Janeiro já não se colocava para o escritor como dantes.

Um cidadão declara que Ipanema já era, querendo dizer que não tenho mais assunto. Feitas as contas, ele tem razão: o negócio que fiz com Ipanema não me trouxe proveito. Dei-lhe grande parte da minha juventude em troca de quase nada: uns dias de sol, umas noites de festas, a favor de algumas belas e neuróticas mulheres, mas recebi de volta uma notoriedade sujeita a interpretações nem sempre agradáveis (OLIVEIRA, 2005, p. 25).

A cidade maravilhosa, na década de 1950 – ano da chegada de Carlinhos Oliveira ao Rio –, mostrava-se, de modo enfático, como o lugar e o ensejo para a construção do aspirante a escritor e sua conseqüente vida literária, visto que parecia vomitar suas contribuições ao vocalizar, nas respostas do que vem em retorno das publicações feitas, o não mais render das suas reflexões publicadas no “Caderno B do Jornal do Brasil”. Tanto em um como em outro aplica-se a noção de que o tempo passou e possa ser que este tenha sido perdido, já que as contribuições não se mostram em soma, mas em crítica do “já era”. Aqui, o diário tem um corte significativo, fato trazido em nota pelo organizador do livro, pois Carlinhos Oliveira havia entrado no mar, no réveillon de 1976, e suas anotações em caneta mancharam, de modo que a transcrição do caderno ficou inviável (OLIVEIRA, 2005, p. 25, nota 17).

Em 1976, no diário de “18 de março”, Carlinhos Oliveira narra sua conduta analítica através do viés da escrita, mais uma vez:

Preciso apenas de recuperar meu estado físico ideal. Há qualquer coisa de proustiniana na minha angústia, minha ansiedade. Minha pressa. Ocorreu-me que Deus é caçador, pratica a caça-ao-pombo. Os pombos somos nós, artistas, quando atingimos a maturidade e, antes de iniciar nossa revoada, somos abatidos em pleno vôo. Também a caça-aos-anjos: uma criança de 10 anos morre, foi Deus com sua pontaria arbitrária, atirando a esmo.

O diário fica assim: no mínimo uma página por dia, sejam quais forem as circunstâncias. Caso esteja em viagem, sem máquina, anotarei tudo no caderno, que passa a ter assim a sua verdadeira utilidade anacrônica. Escrever é bom, mesmo besteira como tudo isto (OLIVEIRA, 2005, p. 26).

Os modos descritos por Carlinhos Oliveira, no primeiro diário de 76, elaboram a *persona* do escritor segundo a tipologia da revolta, uma das suas características demonstradas pelos escritos que deixou. Nesse trecho do diário, pode-se verificar a posição do escritor no que tange à altivez de relacionar sua angústia com o tom das narrativas proustinianas e, com isso, voltar-se para Deus de modo a criticá-lo nas suas ações tirânicas ou, pelo menos, pouco sensatas, de acordo com o ponto de vista de Carlinhos. À frente, ele fala sobre a escrita do diário, numa espécie de abordagem metalinguística, e sobre o quinhão que lhe toma os ânimos e lhe aviva os sentidos, na perspectiva do movimento certo e categórico: é preciso escrever, independentemente das circunstâncias. Inclusive, faz alusão ao fato de que, ao estar em viagem e desprovido da máquina de datilografia, levaria sempre consigo um caderno a fim de registrar anotações que seriam ajustadas *a posteriori*.

A feitura do escritor dá-se de modo expresso: é preciso escrever e é isto que lhe conduz, que faz da narrativa da sua caminhada o crivo de substância, de fortaleza, uma espécie de “sentido”. No caso, a escrita teria o objetivo de produzir esse sentimento do escritor, mesmo porque seu trajeto é entrecortado pela via do narrar e, por conseguinte, do narrar-se. E, no escrito de 13 de novembro de 1976, Carlinhos Oliveira dá as boas-vindas ao novo modo de se colocar com o texto, ou seja, ele muda o feitio do seu diário e descreve esse processo:

Chegou o momento de abandonar o diário manuscrito. Agora ele será datilografado e colecionado em pasta, como as crônicas recortadas e o romance H. R. Trabalho agora na máquina grande, a Olivetti linea 88, pesada, cujo peso custarei a dominar. Estou ainda sonolento, mãos trêmulas, escrevo sem a preocupação de colocar a palavra conforme a ortografia. Devo escrever um longo ensaio intitulado “Aventuras de um copidesque”, um seriado a ser publicado no JB. Nesta máquina pesada, assim que tenha adquirido o seu domínio, será elaborada a literatura frenética, de criação nervosa; na menorzinha, uma Lettera 32, as crônicas e o diário. Tudo isso me parece clamorosamente simples.

Fiz meu café-da-manhã, comprei os jornais, ainda não li, sinto-me lasso. Lasso e frágil, subnutrido, solitário, casto *malgré moi* (OLIVEIRA, 2005, p. 27-28).

O papel decisivo que a escrita tem para Carlinhos Oliveira é obtido nas formas empregadas por ele para exprimir a importância dela e como ela se mantém empregada pelos investimentos realizados para a edificação do seu papel. Ao instalar um modo particular de escrita e falar sobre isso em suas narrativas pessoais, há a colocação em destaque do papel da máquina de escrever, da sua aparição como um evento que deva ser citado e, posteriormente, do agenciamento para adquirir um equipamento de melhor qualidade, que possibilitasse a escrita como um bom copidesque, ou seja, era necessário adequar seu modo e crescer nisto também: na transformação do *modus operandi* em um

que simulasse, no mínimo, o aspecto de um bom profissional. Para além dessa parte, há aquela em que o escritor retorna ao relato sobre o estado do seu corpo, do seu ânimo e de como o dia vai sendo entalhado, mesmo que a performance do corpo não lhe permitisse tão grande extração do que estava ao seu entorno. Assim, ao dizer que fez seu desjejum, que saiu para comprar os jornais do dia, embora sem os ter lido, ele traça o texto na continuação mediante a condição mental e física que seu corpo se encontra, lasso e frágil. Sua via de produção continua na crônica de “15 de novembro” do ano supracitado.

Me perco e me reencontro. Disciplina, oh, que falta me faz a disciplina. Trata-se da fenomenologia. Recusar a opacidade do mundo, as paisagens verdadeiras. Os cenários ficam sendo meras indicações (rubricas) como no teatro. Vou na linha francesa (Camus, Sartre) e abandono de vez a linha norte-americana. Não sou repórter nem paisagista. Nenhum traço jornalístico, chega de naturalismo.

São 21h15, comi um sanduíche, os bares estão fechados. Decido agora, no cara ou coroa, se escrevo a crônica sobre Tom, em primeiro lugar, ou recomeço H. R. nas novas bases. Isso vai até seis da tarde no mínimo. Beberei chá de vez em quando (OLIVEIRA, 2005, p. 28).

Nesse trecho, é possível acompanhar a figura de Carlinhos Oliveira no seu caráter paradoxal, mais uma vez. Se antes ele havia afirmado ter, na sua obstinada performance de trabalho, a escolha mais sensata, aqui, o cronista já cambaleia pelo norte daquele que se esforça enormemente para obter o que tanto deseja: a concretização da escrita dos seus textos e, por conseguinte, da sua estirpe como escritor. Embora a inscrição de Carlinhos Oliveira já tenha seu tônus e caracterização, há, no trecho do diário de “14 de novembro”, a exposição de sua adequação ao modelo francês e o abandono do norte-americano, como se houvesse um tangenciamento desse segundo perfil com o seu estado físico. Nesse momento da vida, Carlinhos Oliveira investe em esforços máximos para poder escrever, mesmo que seu estado emocional percorra ares que contradigam o seu desejo. Para tanto, o simples fato de ter que escrever uma crônica lhe é tarefa para decidir, no “cara ou coroa”, o que denota um sentido de força ao ânimo contrário, ou seja, de manter-se em certa quietude, mas a decisão será regada a chá.

Desse modo, é possível ampliar os horizontes da abordagem sobre o diário de Carlinhos Oliveira ao trazer o texto *Inéditos, vol II: crítica*, do Roland Barthes, no ensejo que se trata sobre a caracterização do gênero. O que se segue, outrossim, é tomada de expressões a partir do diário de Gide.

O Diário não é de modo algum uma obra explicativa, exterior, por assim dizer; não é crônica (ainda que em sua trama a atualidade muitas vezes transpareça). Não é Jules Renard nem Saint-Simon, e quem procurar nela juízos importantes sobre a obra deste ou daquele contemporâneo (Valéry ou Claudel, de que Gide

fala com frequência) provavelmente ficará frustrado. É uma obra egoísta, mesmo quando – e, sobretudo, exatamente quando – fala dos outros. Embora a marca de Gide seja sempre a grande acuidade, o seu grande valor está na força de reflexão, de retorno para o próprio Gide (BARTHES, 2004c, p. 03).

Isso faz pensar sobre os aspectos contidos na literatura produzida por Carlinhos Oliveira através do *Diário selvagem*. Segundo Roland Barthes, na citação supracitada, o texto que apresenta narrativa pessoal não se configura como uma obra explicativa. No entanto, é tangível fazer uma abordagem no que diz respeito ao fato de que a produção literária abre caminhos para a possibilitação analítica e serve também de testemunho histórico de um período. Então, o que se verifica é a tomada de atitude frente ao texto que emula, no registro do cotidiano íntimo, a circunscrição como pano de fundo.

Assim, ao descrever sua trajetória numa tarde de 16 de novembro, o escritor acaba por deixar em registro os modos adotados durante aqueles dias: “São 18h30; estou acordando. Dormi quase duas horas depois do almoço, o que pode significar três horas de insônia após a meia-noite. Uma dor persistente, miúda, passeia de um lado a outro na minha barriga. Tomei muito café quando devia tomar chá” (OLIVEIRA, 2005, p. 28). O fato se sobrepõe à narrativa quase ingênua a respeito do cotidiano do escritor, além de abordar seu descanso, que durou mais do que o devido, após o almoço – demora identificada pela sinalização acerca de que tal fato irá somar em insônia na noite que se anuncia, já que são quase 19h. Nota-se, dessa maneira, a abertura que se dá para o espectro do corpo, mostrado como aquele que, através de sua barriga, faz-se numa “dor persistente, miúda”, a qual ainda ousa passear de um lado para outro como se fosse de propósito.

Portanto, a questão apresentada dessa forma, através da nomeação, é merecidamente uma caracterização daquele tempo, uma vez que, a partir do século XX, os episódios que narram o alargamento do tema “corpo” ganham forma e se expandem na literatura produzida. E não só isso, o invólucro corporal aparece nomeado por vocábulos como partes contidas na noção maior do corpo, ou seja, aparecem tranquilamente nomenclaturas como: barriga, pâncreas, ânus, espinha, estômago, coluna etc. A demanda apresentada soma-se aos ares de constituição do ser naqueles tempos, isto é, a necessidade de percorrer, frequentar, fazer parte, comer, beber bem e pensar sobre os acontecimentos e, com eles, imiscuir noções menos românticas sobre a realidade que faz o homem sucumbir.

22 de novembro – Incomoda-me o estômago, alguma coisa intermédia entre dor e fome. *Week-end* de copo na mão desde quinta-feira, ao começar a entrevista do Pasquim. Volto ao estaleiro. Uma coalhada, uma sopa de músculo de boi. Mas se é fome o que sinto, vem com náusea. O que faria do comer um problema. Tomarei um suco de laranja e um chá. Andei com bons amigos – Dico, Jorge Leão Teixeira,

Kabinda e Ophélia, e mais gente boa. Dico me trouxe a misteriosa carta de Léo Vítor lhe enviou um dia antes de suicidar-se.² Devo copiá-la aqui. Diz que a vida é “doença incurável que leva fatalmente à morte” (OLIVEIRA, 2005, p. 31).

Quando o trecho do diário de “22 de novembro” traz à baila o cru desmonte da boniteza da vida através da sua dura realidade, a morte, Carlinhos Oliveira tem aí o aporte que o condiciona a pensar além. Viver, então, torna-se o fulcro como patologia, esta que não é o motivo de alegrias e firulas que enfeitam dizeres e escritos poéticos, não. Ela é, acima de qualquer mero equívoco, uma doença, que seria curada apenas pela força motriz da morte, que vem como foice decepar o mal que se alarga. Talvez, nesse momento, o escritor tenha para si, perante o episódio de um suicídio, o aparecimento lúcido da finitude como uma espécie de salvação de si.

E prossegue com a narração, em escritos *a posteriori*, do contínuo estado de indisposição e desamparo que o corpo lhe sinaliza: “Ainda estou indigesto. Iniciei um tratamento metódico com água de coco. Sérgio me disse que é bom; César aderiu. Tomarei um copo antes de dormir e outro de manhã, quando acordar” (OLIVEIRA, 2005, p. 33). Indubitavelmente, mesmo com todas as afirmações contrárias, é fato que os investimentos para sanar ou, pelo menos, apaziguar o mal-estar que se apresenta no e pelo corpo são materiais utilizados pelo narrador, o que se verifica na imersão de Carlinhos Oliveira nas mais diferentes “receitas” que lhe possam causar melhora de ânimos, como tomar chá e água de coco. O escritor, desse modo, escolhe narrar tudo isso com a escrita do diário, ainda que estivesse rodeado por sentimentos contrários ao que se mostra em outras partes da escrita: “Ah, estou com preguiça de escrever. Azia braba, constante. Será o sal? Ovos quentes? Farináceos? Tomo um antiácido que se declara, na bula melhor e menos pernicioso que o bicarbonato. E chá. E água de coco” (OLIVEIRA, 2005, p. 36). Na sua condição de inércia, ou mesmo lassidão, ele tenta buscar justificativas para a alimentação que fez, desde o tempero da comida à comida em si, para o cuidado com o corpo, com a saúde e, conseqüentemente, com o si.

9 de dezembro – Chove aos potes desde ontem. São 20h30. Esforço para diminuir o cigarro: controlando pelo relógio. Vai ser difícil. Azia. Dores. Gastrite, merda. Mesmo sem beber, ou com um copo de vinho e dois cálices de Strega. [...] Sistematizar a leitura dos documentos (reportagens da época, relatório da Anistia Internacional).³ Será que a imaginação trabalhará assim? (Terminei o cigarro e já quero fumar outro.) Vou fechar esta nota e iniciar uma tentativa de crônica-diário gozando minha dificuldade de fazer um romance diante da repressão (OLIVEIRA, 2005, p. 36).

² Nesta parte, é emitida a nota n.º. 24, com a seguinte afirmação: “Dico (Raymundi WanderleyReis) era diretor-adjunto do Banco Nacional e ligado ao meio cultural, principalmente cinematográfico. Léo Vítor tinha sido, na década de 60, repórter teatral do Jornal do Brasil, contista e dramaturgo” (OLIVEIRA, 2005, p. 31).

³ A seguinte nota (n.º. 32) é citada: “Essa pesquisa resultará no romance *Um novo animal na floresta*” (OLIVEIRA, 2005, p. 36).

Entra 1977 e os fatos narrados desde 1971 continuam a fazer parte dos relatos escritos por Carlinhos Oliveira. A escrita permite a exposição de um cotidiano permeado de fissuras, ou mesmo de paroxismos e suas contradições, além da descrição de anseios e modos detalhados ao longo dos registros, a exemplo dos cuidados corporais que retornam de onde nunca haviam partido e apenas adicionam fatos novos, como o enferrujamento das cópulas sexuais, que passam a ser substituídas por masturbações, muitas destas seguidas pela famosa culpa católica.

29 de março – Teoricamente bem. Cota em paz comigo. Mas preciso de mulher companheira, para todos os momentos. Bebida suspensa. Preciso parar de fumar. Alimentação em crescente melhora. Crônicas reabilitadas. Lassidão – e a dorzinha chata. Vou tomar um antiespasmódico e em seguida um chá. Melhor seria controlar o consumo de cigarros, mas me privo de tanta coisa no momento que seria uma injustiça. [...] Além disso, estou com medo da ejaculação precoce, para não falar da broxada pura e simples. Porém, tenho que arranjar uma companheira. As armas do sedutor estão enferrujadas, mas posso colocá-las em condições de combate. “Vou tomar o antiespasmódico. Pronto. Daqui a pouco, um chá” (OLIVEIRA, 2005, p. 3).

Logo, o cotidiano passa a se tornar enfadonho e casmurro, muitas vezes, com encontros que passeiam por bares, mas que, ao fim, culminam em um sujeito sozinho, frente ao seu ofício de escrita, motivo e estímulo para a continuidade dos dias, labutando para largar velhos vícios e tornar a rotina um espaço de construção saudável para o corpo e para o que virá. Nesse meandro, é possível reafirmar o desejo quase obstinado pela construção do escritor.

16 de abril – Sábado, 13h25. Depois de uma noite de insônia completa, entre quinta e sexta, e uma sexta longa até 2 da madrugada, eis-me acordando de um pesado sono reparador. Cheio de idéias. Provisoriamente adeus às crônicas pesadas. Aventuras do cotidiano, agora: tipo, Sabino, Quintana. Tenho milhões de incidentes e estou louco para começar, mas hoje farei apenas anotações. Trabalharei segunda-feira. Com meu caderninho na bolsa, posso adiantar meu trabalho em três meses – e fazendo literatura interessante, pitoresca, cujo título global seria necessariamente “Ameno Resedá” (OLIVEIRA, 2005, p. 39).

Esses dias vividos por Carlinhos Oliveira têm o tempero da ânsia do que tanto lhe faz mover as pernas e as ideias: a escrita. O trabalho de elaborar literatura mostra-se não só um dado da vida dele, mas se vislumbra também na concatenação entre o dito e o que se faz. Então, verifica-se a figura do escritor que passeia ante o mundo de ideias e planejamentos ao universo do registro no “meu caderninho”, que se seguirá de leitura e transcrição feita através das suas companheiras, as máquinas de escrever. Fala-se também em trabalho, no que se deixa, momentaneamente, para escanteio e no que se mostra como

ênfase para a vida literária que tanto se anseia e vive, já que, ao desejar se tornar um escritor, ele o faz mediante a escrita do diário e das crônicas, modo de sobrevivência e demais escrições.

Renúncias: jornal – ler só o necessário –, revistas, livros, filmes, teatro, festas. Cada vez me atormenta mais a idéia de que não tenho tempo a perder. Vou precisar também de dinheiro graúdo para pagar a compra do apê. Merda de país de merda. Expressão de Stella: “Gosto do homem que faz a minha cabeça.” Alguma coisa em torno do suicídio de Léo Vítor e de Hugo Bidet. O problema do cassado que fica sem destino por ser um animal político. Enfim, planos, isto indica saúde espiritual. Ou estarei mais perto da morte do que nunca? O futuro dirá (OLIVEIRA, 2005, p. 47).

As minúcias engendradas pelo texto de Carlinhos Oliveira mostram que existe uma percepção, por parte dele, acerca de como seu corpo dá gritos de que precisa de um *time*, porém, é preciso focar no mais importante, a escrita. Durante a adolescência de Carlinhos Oliveira, a leitura foi seu alimento voraz, com isso, o que se dera nesse período como meio pelo qual a edificação do sujeito se fazia como válvula de escape ao modo de vida humilde familiar, na idade adulta, e em meio aos processos de adoecimento, se torna um entrave, já que os dias correm pelo tempo como se fossem escapar do calendário. Nesse ponto, cabe aqui a performance de ressignificação, de modo peremptório.

9 de novembro, 10h – Acordei às seis. Pré-inanição. Medo de morrer de fome. Mesmo assim acordei roído de idéias absurdas, narrativas em blocos ou quadros de teatro. E crônicas igualmente absurdas, a começar por “Discurso sobre o método”, que devo escrever daqui a pouco. Em seguida sobre fome, introduzindo o humor negro no drama de uma tragédia brasileira – a greve de fome das prisioneiras políticas, seguida por idêntica rebelião de seus companheiros. Por que não o humor negro numa situação dessas? Destroçar os últimos vestígios do meu projeto de ser um grande escritor humanista, dostoiievskiano; partir pra quebrar, usando o riso demente como arma libertadora (OLIVEIRA, 2005, p. 63).

Assim, vislumbra-se a construção da narrativa também como código de conduta, como a valorização do tempo ou, ao menos, a consideração do tempo de que talvez não irá dispor. Para isso, a abordagem feita permeia o entendimento com vistas a conceber outro modo de ser e estar, tanto que as leituras de jornais, por exemplo, não podem ser feitas de modo obsessivo e desleixado, mas com rigor e limitações. Por isso, nesse trecho do diário de “9 de novembro”, o escritor destroça os meandros sob os quais deve percorrer, no intuito de se inserir no papel: agora, o corpo de Carlinhos Oliveira desabota sob a inscrição do texto e para o texto se debruça.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a experiência, abordada neste artigo, vivida por Carlinhos Oliveira durante a escrita baseia-se na seguinte circunscrição: diante da escrita, onde fica o sujeito? Afinal, é na escrita e por ela que esse sujeito se impõe. Logo, a escrita do texto de Carlinhos tem, na literatura, local oportuno de ficcionalizações do indivíduo, o que a oportuniza como lócus onde a matéria da escrita se põe, ou melhor, impõe-se para se fazer no exercício do pensamento.

Assim, neste recorte da dissertação intitulada “Crônicas e Diários de Carlinhos Oliveira: *A Flor Ferida da Escrita de Si*”, passa-se pela história de Carlinhos Oliveira por meio do seu *Diário selvagem*, na relação que ele faz entre o escrever e o escrever-se. Nesse diário, o que se coloca são os “Incidentes da escrita”, um viés a la Roland Barthes. O que significa pensar Carlinhos via incidentes da escrita? A análise perpassa a construção do sujeito pela escrita, já que a noção do escrever permeia o lócus escrever-se. Quando o cronista narra, em seus escritos, as impressões e sentidos vividos – que falam muito sobre seus trânsitos –, ele narra, também, a construção do sujeito que escreve, o que se dá também pela escrita. A compreensão obtida vislumbra a perspectiva de quem, ao elaborar narrativas sobre as cenas daqueles anos, as faz de modo que constrói, paralelamente, a própria figura de si.

Dito isso, o esforço empreendido até aqui se deu com o intuito de perfilar a história do sujeito Carlinhos Oliveira na década de 1970, mesmo que de forma introdutória. Por fim, compreende-se que cada tempo histórico desenha um modo de o sujeito se constituir e, conseqüentemente, se narrar, sobretudo em seus aspectos físicos, como dores em partes específicas do corpo, sofrimento, doenças e experiências.



REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **Inéditos**, I: teoria. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

BARTHES, R. **Incidentes**. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.

BARTHES, R. **Inéditos**, vol II: crítica. São Paulo: Martins Fontes, 2004c.

FOUCAULT, M. **A escrita de si**. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992.

NIETZSCHE, F. W. **Ecce homo**: de como a gente se torna o que a gente é. Porto Alegre: L&PM, 2017.

OLIVEIRA, J. C. **Diário selvagem**. Jason Tércio (Organização, apresentação e notas). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.

ROSALEN, E. **Das muitas memórias dos exílios**: uma leitura analítica dos livros Memórias do Exílio e Memórias das Mulheres do Exílio. XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015.

SANTOS, Edivonha Leite dos. **Crônicas e diários de Carlinhos Oliveira**: A Flor Ferida da escrita de Si./ Edivonha Leite dos Santos – Alagoinhas, 2019.



Título em inglês:
CARLINHOS OLIVEIRA'S WILD DIARY: INCIDENTS OF
WRITING

INVENTÁRIO